

Uma *bildung* corporificada na cura antroposófica

Raquel Littério de Bastos¹

Resumo

O artigo apresenta os resultados e as estratégias metodológicas utilizadas para o registro denso da terapia antroposófica destinada a cura do corpo, nomeada de Euritmia Curativa, enquanto um processo de *embodiment* da *bildung* – palavra-conceito cunhada no romantismo alemão e noção de pessoa germânica - proposta pela Antroposofia – ciência espiritual europeia - para uma cura estética e moral permeada pela edificação de si mesmo. Nos resultados apresento a etnografia das sessões desta terapia antroposófica na Clínica Tobias, situada no bairro de Santo Amaro, na cidade de São Paulo, durante o ano de 2013. A Clínica foi a instituição antroposófica pioneira fora da Europa e na América Latina. A partir das reflexões de Thomas Csordas e do paradigma da *embodiment*, o artigo se propõe a refletir sobre as experiências corpóreas vivenciadas nas sessões da Euritmia Curativa em busca de realizar uma *bildung* curativa do pesquisador e, na construção da corporeidade da terapeuta em sua autoformação profissional na Suíça.

Palavras-chave: *embodiment; etnografia; bildung; saúde, antroposofia*

A *bildung* embodiment in the anthroposophical cure

Abstract

The article presents the results and methodological strategies used for the dense registry of Anthroposophic therapy intended for body healing, named Euritmia Curativa, while a process of embodiment of Bildung - concept word coined in German romanticism and notion of Germanic person-proposed by anthroposophy-European spiritual science-for an aesthetic and moral healing permeated by the edification of oneself. In the results I present the ethnography of the sessions of this anthroposophic therapy at the Tobias Clinic, located in the neighborhood of Santo Amaro, in the city of São Paulo, during the year 2013. The clinic was the pioneering anthroposophic institution outside Europe and Latin America. From the reflections of Thomas Csordas and the paradigm of *embodiment*, the article proposes to reflect on the corporeal experiences experienced in the sessions of Euritmia curative in search of conducting a curative *bildung* of the researcher and, in the construction of The therapist's corporeity in his professional Bildung in Switzerland.

Keywords: *embodiment; ethnography; bildung; health, anthroposophy*

Introdução

¹ Professora Adjunta da Escola Multicampi de Ciências Médicas de Caicó - EMCM/UFRN

“...eu sou capaz de saber qual doença a pessoa tem ou terá apenas em observar o seu caminhar”... (Terapeuta da Eurytmia Curativa – Clínica Tobias, Primavera de 2012, São Paulo). Até esta cena, nenhum outro terapeuta antropósofo havia comentado suas habilidades fenomenológicas oriundas da empiria espiritual de forma tão aberta e contundente. É claro que minha natureza curiosa desejou muito saber sobre o meu caminhar e as minhas futuras doenças, mas não ousei perguntar temendo que a terapeuta possuísse mesmo essa habilidade, e que pudesse me revelar algo que eu não estivesse pronta para compreender. Por enquanto bastava a minha asma e o gosto amargo na boca, por intuir que se a terapeuta havia dito isso, muito provavelmente, foi porque viu em meu corpo e em meu andar algo que desejava me contar. Uma claudicância física ou moral, quem sabe? Agarrada como uma naufraga na racionalidade das teorias antropológicas de Marcel Mauss, sobre o efeito físico no indivíduo da ideia de morte sugerida pela coletividade, não ousei perguntar. Acovardada, encerrei ali a sessão e a nossa conversa (Bastos, 2018).

A cena retrata um dos muitos encontros no percurso etnográfico que se sucederam nas sessões da terapia do corpo nomeada de Eurytmia Curativa em que nos remete às reflexões sobre o modelo retórico de Thomas Csordas, que garantiriam a eficácia terapêutica, convencendo os participantes da validade e da relevância por meio de um discurso significativo capaz de transformar as condições fenomenológicas sob as quais o paciente existe e experiênciava seu desconforto (CSORDAS, 2008, p. 50). As sessões desta terapia antroposófica foram etnografadas na Clínica Tobias, no bairro de Santo Amaro, na cidade de São Paulo, em 2013. A Clínica foi a primeira instituição antroposófica fora da Europa e na América Latina.

A Antroposofia é uma ciência espiritual suíça, fundada pelo esotérico austríaco Rudolf Steiner

no início do século XX, que elaborou um sistema terapêutico pautada em uma empiria espiritual alicerçada na fenomenologia da natureza desenvolvida por Goethe e elaborada no século XVIII, no Romantismo Alemão. Reinterpretando antigas primícias da *Naturphilosophie*, Steiner organizou um sistema de cura *neorromântico* no qual o mote terapêutico consistia em promover a cura por meio de uma *formação*, uma *bildung*. *Bildung* é uma palavra-conceito cunhada durante o Romantismo e representou um projeto de unificação nacional orientada para o cultivo de uma *sensibilidade estética*.

A Eurytmia Curativa é uma das terapias da Antroposofia voltadas para a cura do corpo, e é indicada para um amplo leque de patologias (AMA, 2015)². O trabalho terapêutico consiste na repetição de fonemas ou sequências de fonemas e movimentos performáticos que se intensificam na prática constante e roteirizada até o paciente incorporar em sua rotina alguns movimentos considerados de natureza cósmica, segundo a cosmologia desta ciência espiritual (KIRCHENER- BOCKHOLT, 2009).

Os episódios na terapia da Eurytmia Curativa fazem parte de uma etnografia maior, multissituada, realizada entre os anos de 2012 e 2016, na qual descrevi a concepção de cura nesta ciência espiritual, onde observei primeiro as terapias voltadas para a cura do corpo, depois as da alma e as do espírito, que são complementares ou não aos tratamentos da medicina antroposófica oferecidas na Clínica. Após os registros das terapias na Clínica, convivi, em 2013, com os adeptos em uma comunidade rural Demétria nas proximidades da cidade de Botucatu, interior do Estado de São Paulo. Por fim, em 2014, convivi com os adeptos em uma comunidade situada na parte francesa da Suíça, na cidade de Vevey. Neste percurso me debrucei sobre a concepção de corpo e sua relação a palavra-conceito e noção de pessoa germânica *bildung*.

2 A Eurytmia Curativa é indicada para patologias orgânicas, neurológicas, posturais, musculares e psiquiátricas, como nos casos de asma, depressão, stress, reumatismos, artrites, e também na pediatria, como nos distúrbios de desenvolvimento da motricidade, dificuldades de aprendizagem, de concentração e de orientação espacial, enureses noturnas, crianças hipercinéticas, correção da postura e distúrbios do sono.

As etnografias sobre corpo e corporeidades com interface na saúde são abundantes na literatura antropológica. As pesquisas vão das terapias alternativas e o esoterismo da Nova Era, versadas pelo antropólogo Rodrigo Toniol (2016, 2018), passam pelas etnografias sobre as novas formas de parir na contemporaneidade (CARNEIRO, 2011; BASTOS, 2017), pelos corpos com problemas de pressão alterada entre as mulheres (Fleischer, 2018). Temos também as etnografias sobre consumo de práticas corporais orientais como a Yoga (Santos e Penteado, 2017), as dores agudas nos exercícios de musculação (Silva e Ferreira, 2017). No universo de tantos antigos etnográficos sobre corpo e saúde, identifiquei uma incipiência de textos que abordem a relação entre *embodiment* e *bildung* nas terapias neorromânticas.

O presente artigo aproveita o ensejo deste dossiê para narrar os resultados e as estratégias metodológicas utilizadas para o registro denso desta terapia corporal e o processo de *embodiment* da *bildung*, proposta pela Antroposofia, sustentando a elaboração de uma cura estética permeada pela edificação de si mesmo. A partir das reflexões de Thomas Csordas e do paradigma da corporeidade, o artigo se propõe a refletir sobre as experiências corpóreas vivenciadas pelo primeiro autor do artigo nas sessões da Eurytmia Curativa em busca de realizar uma *bildung* curativa; a corporeidade da terapeuta em sua *bildung* na formação profissional na Suíça e as estratégias metodológicas para ser aceita na terapia para a realização da etnografia.

O percurso etnográfico e as estratégias

Mas como etnografar o trabalho terapêutico a partir da própria experiência corpórea? Ousei fazer do meu corpo, o corpo do etnógrafo, um caderno de notas. Comecei frequentando um grupo de mulheres que praticava a eurytmia higienizadora, uma modalidade diferente da curativa (mais barata), principalmente porque precisei pagar por todas as terapias, mesmo explicando minha pesquisa. Pensei, equivocadamente, que participar de um grupo,

assim como havia feito nas demais terapias da alma e do espírito, me ajudaria a compreender, por meio das falas dos participantes, a Eurytmia Curativa. Contudo, não consegui estabelecer nenhuma relação pessoal a ponto de ter um colaborador para a pesquisa. Isso provavelmente aconteceu, em parte, porque a terapia grupal era rápida e acontecia antes da entrada das pessoas no trabalho. O tempo em uma cidade como São Paulo é algo valioso. Minha aproximação nas sessões matinais atrapalhava a vida do meu possível interlocutor.

Um outro fator, muito mais relevante, porque revela os condicionantes do meu olhar para com os primeiros resultados e as primeiras conclusões precipitadas, foram as minhas ausências nas sessões matinais, que começavam às sete horas da manhã. O horário foi o primeiro desafio para entrar e ser aceita, no grupo e, especialmente pela terapeuta. Quando eu conseguia comparecer, percebia uma aproximação da terapeuta, e quando eu me ausentava ela se distanciava e se esquivava de responder minhas questões e de me fornecer uma entrevista para a pesquisa. Depois, compreendi que a aproximação da terapeuta em dias que eu me empenhava em comparecer, tinha uma relação de recompensa pelo meu esforço; em compensação, nos dias em que eu me ausentava, pairava no ar uma desconfiança sobre o meu valor. Minha inconstância era vista como uma forma de ausência de comprometimento, não somente com a pesquisa, mas com a vida. Era necessário que eu merecesse ter acesso a ela e a Antroposofia.

Minha investigação era vista com descrédito, algo inofensivo, incapaz de arranhar a imagem da Clínica e dos terapeutas. E, por mais que me esforçasse ou assim imagina que estava fazendo, a terapeuta sempre afirmava que eu não era capaz de compreender o que era de fato a Antroposofia e, conseqüentemente, o significado da cura proposta. Para ela a única forma viável seria a de que eu vivenciasse a espiritualidade para compreender, com profundidade necessária, esta ciência espiritual. A minha origem acadêmica, neurosensorial e cerebral, me incapacitava de captar a verdade revelada. A percepção exigia

uma experiência visceral, perceber com o corpo, uma *empíria espiritual* da terapia.

Era necessária outra estratégia, estava em um terreno de disputa, movediço, totalmente desfavorável a minha inserção para a realização do estudo. Julgando-me sagaz, acrescentei em minha primeira anamnese o meu desejo de realizar uma *bildung* durante o percurso da etnografia e curar a minha asma, ignorando totalmente o que realmente estava propondo e os riscos do que isso podia significar para mim e para a pesquisa. Ao reconhecer minhas limitações pessoais em relação aos horários, a terapeuta sugeriu sessões particulares de Eiritmia Curativa, mais caras e mais longas, mas com o preço passível de negociação. Satisfeita com a inserção, aceitei a proposta para estreitar os laços com a terapeuta.

A experiência corporal da estética

Na primeira sessão de Eiritmia curativa, a terapeuta Maria me pediu que eu caminhasse livremente pelo amplo espaço de seu consultório. Esse espaço era parte dos bastidores de um pequeno palco instalado na sala de recepção da clínica. Caminhei de meias, pois não tinha sapatilhas adequadas para o trabalho terapêutico, e ser observada foi constrangedor. Então a terapeuta interrompeu a caminhada e após um inquietante silêncio disse: *veio a minha cabeça a seguinte frase para que você exercite - eu sigo meu caminho com força e coragem - para isso você deve falar uma palavra para cada passo, primeiramente caminhando para a frente e depois caminhando de trás para frente, falando a frase ao contrário*. O exercício exigia que a minha fala estivesse em concomitância exata com as minhas ações, para cada passo uma palavra em todas as direções, de trás para a frente e de frente para trás.

O incomodo com as palavras proferidas pela terapeuta aumentou o meu desconforto. O sentimento era de um sofrimento moral, uma dor com uma localização imprecisa; por que mesmo eu estava tão incomodada? Sim, eu sofria. Sofria por ter sido chamada de fraca e de covarde ou por ter sido denunciada pelo meu corpo, revelada pelo meu modo de andar e o descompasso entre o

discurso e a atitude. Ter a *performance* como base fundamental do “diagnóstico”, tanto corporal quanto espiritual, desnudava os recônditos da minha moral.

Lembrei dos textos de Sônia Maluf (2005) sobre o corpo observado, decifrado, lido como um livro, e do sofrimento da procura pela doença. Nessas anamneses da medicina romântica, o terapeuta não busca os sinais de uma doença necessariamente biológica, mas os signos dos distúrbios e dos desequilíbrios de seu paciente. A leitura corporal pode ser comparada também a um olhar anatômico sobre o corpo, como na clínica discutida por Foucault (1963). Aqui, no entanto, não se busca uma topografia fisiológica, mas uma espécie de taxonomia das personalidades individuais. O terapeuta não quer encontrar a doença nem o órgão doente, mas a pessoa.

E é claro que não foi na vigésima vez que eu consegui associar a fala à ação voluntariosa dos meus pés, muito menos falar e andar de trás para frente. Na primeira vez que fiz o exercício, a terapeuta me fez perceber que minhas palavras vinham antes da minha ação, e que conseguir essa sincronicidade me faria muito bem, eu aprenderia, a duras penas, a falar menos e a fazer mais. Levei semanas, treinei por horas para subir no palco e apresentar um pouco mais de “força e coragem” no meu caminhar. Rebelde, tentei atalhos e falsetes. Tudo em vão. Não conseguia simular a destreza desejada. Somente a disciplina e o esforço trouxeram a honra. Depois do sucesso, o repouso em um sofá divã localizado no fundo da sala. A terapia não buscava a exaustão.

Para a asma, os desafios foram ainda maiores. A terapeuta receitou os exercícios diários de determinados fonemas para harmonizar os quatro corpos e outros fonemas para solucionar diretamente os sintomas da doença. Os movimentos eram suaves, mas precisos. Era o detalhe da precisão que permita exercitar o disciplinamento do corpo, lapidar a vontade, controlar o impulso, aprender um novo caminho. A terapeuta, apesar de uma pessoa pequena e de fala tranquila, transpirava um desejo de disciplinamento físico e moral.

Os movimentos dos fonemas eram representados por formas e movimentos similares aos da natureza, sempre seguindo um ritmo ditado na recitação de poemas de Goethe, enaltecendo a beleza da natureza, do *belo* e do *bom*. Com o corpo, falei vogais e consoantes. A primeira era a fala da alma e as consoantes a fala da natureza, com o mundo, com o vento, com o fogo. Quando eu errava a grafia da vogal como o meu corpo, ovalando o “O” mais do que era o prescrito, a terapeuta me corria ao perguntar: *you are very egoist?* Não conheço ninguém que goste de ser chamado de egoísta, afinal, ser egoísta não é belo e não é considerado bom. Havia uma palmatória moral invisível corrigindo meu corpo, meu esforço e a minha moral.

A prática dos movimentos destinados ao cosmo, retornavam no período da noite, em forma de energia para o corpo astral. Obcecada em demonstrar que conseguiria cumprir o contrato terapêutico, observei que havia iniciado um processo de subjetivação. Os comprometimentos com a terapia, com a pesquisa e com a minha vida se entrelaçaram, estabelecendo uma dependência como que se o resultado de um estivesse imbricado no outro. Para a terapeuta, esse era o resultado de se ter coragem para trilhar sua *bildung*, para lapidar o próprio corpo.

E, sem qualquer cobrança verbal da terapeuta, nascia em mim o sentimento de necessidade do esforço. Sua forte postura durante a *performance* terapêutica era o suficiente para me pôr à prova, para o exame da minha disciplina. A cura estava em aprender a utilizar o corpo como um órgão de percepção para o além da racionalidade, talvez algo mais próximo a uma percepção estética.

Assim, parei de resistir e comecei a me sentir mais fortalecida fisicamente que o habitual. Essa disposição física era alimentada não sei exatamente se pelo desafio ou como resultado de uma possível eficácia da terapia. Principalmente os exercícios voltados para a asma resultaram em grande estabilidade pulmonar. Aos poucos foi ocorrendo uma transformação dos movimentos: antes desajeitados, foram se tornando habituais e diários e assim aprimorados, tornando os movimentos prazerosos. E quanto mais eu atingia

o êxito na precisão da *performance* corpórea, melhor era a minha disposição física e mental. Tal disposição ampliava o meu desejo por mais êxito. Conseguir o reconhecimento do esforço moral pela terapeuta passou a representar um resultado mais importante que a própria resolução da asma.

No final do período destinado a etnografia da Eurythmia Curativa, a terapeuta recomendou que eu continuasse a fazer os exercícios, mas que eu tivesse a clareza de que era necessário muito mais sessões para resolver completamente a asma e as minhas questões pessoais e espirituais. Lembrou-me também que eu nunca deveria praticar a Eurythmia Curativa quando estivesse com febre ou grávida por compreender que esse era um momento em que deveria reunir forças para enfrentar o processo. Ela fez questão de frisar que a sua *bildung* enquanto terapeuta a curou, e que havia sido a doença que havia impulsionado o percurso, a busca pela cura por meio de uma *bildung*. Convicta, a terapeuta não dissimulou ou separou a terapia dos aspectos espirituais da antroposofia em momento algum.

A etnografia da terapia possibilitou por meio da experiência corpórea ampliar a percepção de *bildung*, pois era conduzida exatamente conforme a terapeuta havia aprendido na convivência com a cultura germânica. *Bildung*, nesta terapia, significava desenvolver um comportamento comprometido com a pontualidade e a disciplina para aqueles que almejam a cura não somente para os aspectos biológicos, mas desenvolver um comportamento considerado belo, comprometido. Retomando as reflexões de Csordas, a técnica terapêutica e o ambiente da clínica misturada as certezas da terapeuta, favoreceram a adesão a uma verdade por meio dos processos “exógenos” de persuasão ou de sugestão, bem como os processos “endógenos”.

No entanto, é importante compreender que não se trata de aderir a uma verdade, afinal se está falando de uma *bildung* contemporânea que, segundo a Teoria Crítica, se emancipa na criação de necessidades para ter a sua própria experiência de verdade (HERVIEU-LEGER, 1999). Afinal, apesar de almejar o mais alto nível de excelência no que tange um ideal de humanidade, a

bildung fundou-se em uma “estrutura altamente ambivalente de uma racionalidade que, por um lado, conduz a emancipação e esclarecimento do homem e de sua sociedade, mas, por outro, a coerções sociais e formas de repressão autoritária” (DALBOSCO e EIDAM, 2009, p. 57-8 apud MOLLMANN, 2010). É interessante refletir nas diferenças entre disciplinamento e *bildung*, mas também perceber que se assemelham em determinados contextos. É provável que a experiência terapêutica tenha possibilitado ambos os lados, autonomia e repressão.

A *bildung* da terapeuta e o engajamento visceral

Minha formação foi minha cura. O estudo da euritmia me formou como pessoa. Eu precisava daquilo, um remédio, um remédio assim mais sintomático, mas também para eu me curar como ‘ser’, como pessoa. Uma pessoa que não vai mais fazer um tumor. Não tenho mais essa psiquê, que forma encistamento, que vai endurecendo, que vai fazendo tumores, eu mudei, sou outra pessoa. Eu ainda tenho muitas outras tendências patológicas, mas essa eu consegui tirar da minha vida (...) o mundo é como ele é, eu não vou mudar o mundo eu tenho que mudar a mim, eu me transformo. (Terapeuta Maria)

Maria, a terapeuta da Euritmia Curativa na Clínica Tobias, era uma jovem senhora, brasileira, oriunda de uma família espírita de classe média paulistana; influenciada pelos pais, aproximou-se da Teosofia ainda na juventude. Seu primeiro contato com a Antroposofia foi por meio dos livros de medicina. Acometida por um câncer de parótida, foi conduzida por uma amiga até a Clínica Tobias, onde iniciou um tratamento com o Dr. Kaliks que prescreveu o visco³, um medicamento antroposófico destinado ao tratamento de sua doença. Entre as sessões de

terapias com o Iscador, nome do medicamento elaborado a partir do visco, a terapeuta foi orientada a fazer a Euritmia Curativa como um tratamento coadjuvante. Na época, o Brasil não tinha uma grande oferta de terapeutas da Euritmia Curativa. Interessada no seu desenvolvimento, a terapeuta partiu para a Suíça em busca de sua formação de terapeuta concomitante com o seu tratamento do câncer.

Apesar de dominar o inglês, como resultado de sua primeira formação em letras, a terapeuta esforçou-se sobremaneira para aprender a língua alemã, enfrentando inúmeras dificuldades de adaptação na Suíça. Várias exigências foram feitas pela instituição antroposófica suíça para aceitá-la como aluna nos cursos de formação da Euritmia Curativa. Segundo a interlocutora, não bastava você desejar ingressar em um dos cursos de formação, era necessário que ocorresse a sua aceitação, confirmando a sua potencialidade para executar determinada terapia. Assim, eram examinados não apenas as habilidades linguísticas e corporais, mas também as questões espirituais. Este foi o trabalho terapêutico na Clínica Tobias, em que a palavra-conceito *bildung* mais apareceu, principalmente nas conversas com a terapeuta Maria. Esse fato pode estar associado a língua na qual ocorre a formação do terapeuta, facilitando ou dificultando o acesso à compreensão e à utilização desta palavra-conceito, como no caso da terapeuta que descreverei a seguir.

Ela foi recusada muitas vezes, cada uma por um motivo diferente, até que finalmente, após um processo de auto superação, foi aceita no curso de formação em Dornach, na Suíça. Ter sua formação realizada em Dornach significa uma distinção entre os demais terapeutas antroposófico, isso porque a formação realizada no Brasil, ao menos dos cursos oferecidos para as terapias, é diferente dos objetivos oferecido na Europa, sendo considerado que as melhores

3 O visco é encontrado em carvalhos e, embora existam algumas espécies da planta na América do Norte, geralmente apenas as variedades encontradas na Europa e na Ásia são usadas no tratamento do câncer. Fabricantes farmacêuticos, como a Weleda, produziram o remédio ao processar galhos, folhas e frutos da árvore. No entanto, o visco pode ser venenoso se for ingerido em grandes quantidades. A marca mais popular de medicamento de visco é chamada Iscador, que é feita pela Weleda. Os efeitos colaterais mais comuns são sintomas semelhantes aos da febre, pois a planta aumenta a temperatura corporal naturalmente.

formações eram as realizadas na língua germânica, na Suíça, na Alemanha ou na Áustria.

Maria relatava o esforço necessário para conquistar a cura e, ao mesmo tempo, a sua formação: havia uma conexão bastante significativa entre ambas, além da clara ostentação de seus esforços. Em sua narrativa, por vezes, eu tive a sensação de que o seu processo de cura não se tratava exatamente de curar a doença, produzida por ela mesma, segundo a terapeuta, mas de estar curada de uma forma mais ampla, ao ponto dela não mais reproduzir o câncer em outra parte do corpo.

Doença cada um tem a sua, e ela vai te conduzir para sua cura, porque o sintoma é só uma manifestação de uma doença que você tem, você curando isso, você se cura. Cura aquilo que você tem que aparece como asma que é uma patologia anímica, uma forma de ser que se expressa nessa doença, para você se transformar e ser uma pessoa diferente. Eu senti muito que isso estava no meu destino, e que foi um caminho de vida. Eu sou muito grata a minha doença, embora ela tenha assustado muito a mim e a minha família. Mas eu percebi que quando eu vinha até a Clínica e tomava o Iscador, sentia por um momento que eu atravessava um limiar, por um instante, eu podia ver o mundo espiritual, apesar de não ver nada, era tudo uma grande escuridão, eu sentia aquilo como uma coisa muito especial (...) depois de algumas vezes eu me via em baixo de um túnel e a luz vinha de cima, e conforme o tratamento ia passando eu ficava mais perto da luz, cada vez o buraco de luz era maior como seu estivesse saindo de um poço. E aí eu disse - eu achei o meu lugar, eu não havia achado no espiritismo, nem na Teosofia, embora eu não estivesse buscando uma religião. (Maria)

Mas como era possível compreender a *bildung* desta terapeuta? A palavra-conceito *bildung* possui um percurso complexo e secular que lhe garante uma reelaboração constante ao sofrer diversas influências que se adensam com o passar das modificações sociais. A expressão *Bidlung* foi cunhada no Romantismo Alemão, mas, segundo Louis Dumont (1991), a noção de *bildung* tem

uma origem religiosa e mística. No início, ela era o equivalente alemão da noção de *imitatio* ou *imitatio*, tal como aparece no título da obra: *Imitatio Christi* ou a Imitação de Jesus Cristo, do monge holandês Thomas Kempis. Neste cenário espiritual, em que existe sua primeira inscrição, a *bildung* está no centro da teoria da imagem de Deus, desenvolvida pela mística alemã e designa o movimento pelo qual o cristão dá uma forma à sua alma, esforçando-se para nela imprimir a imagem de Deus.

Posteriormente, na *Humanitätsphilosophie*, que se exprime segundo uma concepção organicista, que deve muito às ciências da vida e em particular à botânica, o desenvolvimento humano é concebido como uma semente que cresce e floresce segundo suas próprias forças e disposições (*Ausbildung*), adaptando-se às restrições do seu meio ambiente (*Anbildung*), tal qual o desejo alcançado pela terapeuta ao afirmar que estava curada ao compreender que não era possível modificar o mundo, mas somente a si mesmo. Com o enfraquecimento dessa referência cosmológica e organicista, a *bildung* por sua vez atravessa uma segunda fase de secularização, tornando-se o que ela é ainda hoje para a cultura alemã: uma prática da formação de si, o cuidado com o desenvolvimento interior, que considera qualquer situação, qualquer acontecimento como ocasião de uma experiência de si e de um retorno reflexivo sobre si mesmo, na perspectiva do aperfeiçoamento e de uma completude do ser pessoal (DELORY-MOMBERGER, 2011).

Para Christine Delory-Momberger (2011), será no final do século XVIII que o conceito se desenvolverá e se transformará pela ação de pensadores do Iluminismo alemão. A palavra-conceito perde a referência de uma divindade pessoal, mas não o alcance de uma realização de cunho universal; o conceito de *bildung* se inscreve então em um pensamento da totalidade: a *bildung* é o movimento da formação de si pelo qual o ser, próprio e único (*Eigentümlich*), que constitui todo homem, manifesta suas disposições e participa assim da realização do humano como valor universal. Essa burguesia foi responsável pela tentativa de criar uma classe

intelectual relevante no que se refere à formação da cultura alemã, pautada na experiência da arte voltada para uma educação cultural e estética. Contudo, não se tratava apenas de emancipar a cultura alemã em relação aos padrões clássicos da França, mas também, “a partir de novas bases, contribuir significativamente para a formação do ideal moral e psicológico do homem” (FIGUEIREDO, 2006, p. 41).

A cultura, neste contexto, é então sugerida como força criativa, singular e interior ao homem, que o leva à sua própria formação, sem dissociação da natureza, pois é onde sua história se realiza. Assim, o próprio sujeito toma posse dessa potência criadora, usando de sua inteligência e linguagem para criação da *Kultur* a partir da sua formação pessoal, ou seja, a *bildung*. A formação se realiza na natureza, na cultura, pois a história da cultura está ligada à história da natureza, na experimentação *corpórea* do mundo, da natureza e da cultura, quando as sensações e os afetos gerados por essa experiência compõem a realização de uma auto formação (SAFRANSKI, 2010, p. 26-27 – grifo nosso), ou seja, experimentar algo diferente do que o constitui como ser, como um “lançar-se além-de-si” (Suarez, 2006), capaz de desenvolver sua própria subjetividade, sem dependência ou salvação por qualquer coisa externa a si mesma, emancipado das verdades, necessidades, representações e motivos, assim como do mundo externo e do Outro, e inclina-se a reforçar a si mesmo na alteridade do *Outro* e no mundo que se torna um objeto de manipulação. “Faz do mundo uma projeção, uma *Bild* do *self* ou dos instintos, uma potência para elevar a nós mesmos” (GUR-ZE’EV, 2006, p. 8).

Discussão: *embodiment* e *bildung*

O conceito de *embodiment* de Thomas Csordas amplia e problematiza uma discussão da corporeidade antes fundamentada em dualidades. O corpo pode, a partir deste conceito, ser pensado como “sujeito da cultura”, como a “base existencial da cultura”. O conceito de *embodiment* é um paradigma no estudo da cultura, focado na ideia da experiência cultural como corporificada

que propõe um caminho de análise para as experiências individuais e subjetivas dos sujeitos envolvidos em rituais (TONIOL, et al, 2018). Inspirado na fenomenologia de Merleau-Ponty e o seu conceito de pré-objetivo, e no que denomina estruturalismo dialético de Pierre Bourdieu e o seu conceito de *habitus*, Thomas Csordas nos possibilita pensar como a noção de pessoa germânica *bildung* se dá na corporeidade como *embodiment* nas terapias antroposóficas voltadas para a “cura” do corpo por uma via estética.

A ideia de esculpir o próprio corpo, na superfície e no avesso, nas entranhas, já foi elaborada nas reflexões da antropóloga Sônia Maluf (2001:97), que vê na atitude de Csordas uma atenção especial para os saberes e valores locais em uma “perspectiva etnográfica radical no sentido de valorização do ponto de vista do “nativo”. “E essa história é contada através de seu corpo, ou melhor, de sua experiência corporificada. O [sic] travesti institui uma nova *bildung*: a *bildung* do corpo. Através dele e nele se constrói uma nova pessoa” (MALUF, 2002, p. 148). O corpo deixa de ser um fato bruto da natureza um fato dado, sendo construído em um processo histórico e cultural e, depois, na experiência da percepção. Assim, o corpo é sujeito e agente da/na cultura e a cultura é corporificada (*embodied*) e não dada exteriormente ao sujeito.

A conexão entre *bildung* e *embodiment* se daria na estética da experiência corpórea como uma obra de arte? Uma vez que a corporeidade pode ser remodelada na superfície e remodelar as entranhas, talvez. Na Antroposofia, o corpo estético, belo e com bela alma, é resultado de uma *bildung*, semelhante a concepção do corpo grego que servia de modelo de uma humanidade superior. Essa busca da imagem de uma *bild*, de uma humanidade como modelo, seria, fundamentalmente, o objetivo. Uma “bela forma” estaria em uma “nobre simplicidade e uma grandeza serena” tanto na atitude como na expressão, assim como a expressão nas figuras gregas, com suas almas magnânimas e ponderadas (WINCKLEMAN, 1975, p. 53).

O trabalho terapêutico da Eurytmia Curativa seria o processo no qual o escultor se

auto esculpe. Essa era a receita nos romances de formação de Goethe. O personagem Fausto, caracteriza a *bildung* como uma espécie de “escultura de si em contato com o mundo e com a vida e vice-versa, pois a formação e a iniciação interessam mais do que a informação no sentido tradicional do termo” (ARAÚJO, 2009, p. 16). Norbert Elias (1997, p. 55) busca a compreensão do conceito de *Bildung* também partindo do uso da literatura: é possível perceber também os valores filosóficos sobre a questão da formação a partir dos conceitos usados pelos autores românticos, com os quais podemos relacionar as estruturas não somente políticas, mas sociais e culturais características de seu tempo, neste caso, a Alemanha do século XVIII. Essa concepção de formação baseada em regras e o cumprimento das mesmas perpassavam as confrarias estudantis duelistas, incumbidas da formação de seus jovens, preparando-os para a vida pública, com a função de cunhar um “código comum de conduta e sentimento para as classes altas alemãs” (ELIAS, 1997, p. 58).

A *bildung* seria a arte de se esculpir, na vida e na doença, a oportunidade esperada. A doença expõe, na percepção da Eurytmia Curativa, no corpo, os problemas de ordem subjetiva, da personalidade do indivíduo ou de sua maneira de ser e de ver o mundo. “O corpo “fala”, ele é signo e, como tal, pode ser lido, observado, ouvido e interpretado” (MALUF, 2005, 105). A doença e o corpo são tomados como “produtores de verdade” (FRANK, 1993, p.22.). Para a terapeuta, o câncer foi o impulso para sua *bildung*. Uma formação compreendida por ela como maior, mais complexa e mais importante do que aprender as técnicas da Eurytmia Curativa.

Sonia Maluf (2005) observou semelhanças entre as terapias alternativas que, assim como a antroposofia, compreendem a doença e o sofrimento⁴ físico como a manifestação de um mal espiritual, sendo o indivíduo o próprio responsável. A experiência do corpo adoecido é um instrumento disciplinador. O apelo ao

esforço e ao desejo pessoal de se curar é bastante evidente na literatura de *selfhelp* difundida no Brasil (MALUF, 2005). Grande parte das terapias que utilizam as técnicas de trabalho sobre o corpo possuem um fundamento ético comum, baseado sobre a crítica do corpo fabricado pela civilização urbana do ocidente moderno. O corpo é racionalizado e disciplinado para servir somente como um instrumento de produção. Por isso, o corpo não só expressaria e revelaria as “doenças da alma”, mas também seria o próprio meio, o instrumento de sua cura.

Considerações finais

O objetivo da cura pode não ser a eliminação de uma doença, um sintoma, mas a transformação de uma pessoa estimulada a um processo de auto formação compreendido de uma forma estética, é possível considerar que as técnicas terapêuticas desenvolvidas na Eurytmia Curativa na Antroposofia levem o participante a um outro patamar fenomenológico na percepção de sua corporeidade.

Para Csordas, nós humanos, só nos tornamos o que somos a partir do corpo que experimenta; um corpo fenomênico, que se percebe e expressa em si mesmo um conjunto de sentidos e significados. Em um corpo que é construído culturalmente, ao mesmo tempo em que produz sentidos particulares. A ressalva está em que, longe de ser a superfície passiva, o sujeito de uma experiência significativa, sempre necessariamente cultural, é, no entanto, feita de um ponto de vista particular em um momento particular.

Partir do *embodiment* como uma condição, bem como da percepção como a forma pela qual os nossos corpos ocupam o mundo, parafraseando Merleau-Ponty, os nossos corpos são no mundo e na vida cotidiana e nos episódios terapêuticos, permite entender os corpos e o ser-no-mundo tanto como ativo quanto como passivo. *Embodiment* unido ao conceito de

4 A noção de “perturbação” de Duarte (1994) surge de forma contundente na fala da terapeuta da Eurytmia Curativa. A associação entre o estado físico e o estado moral do paciente evoca a imbricação entre o nível físico, corporal.

bildung, sugere reflexões nos sentidos mais profundos do ser humano, considerando-o de forma integral, emocional, afetiva, intelectual e espiritual e corporal as possibilidades de uma formação integral, tal qual Goethe sugere: um processo complementar ou interação entre o *eu* e o mundo, o indivíduo particular e a cultura de uma sociedade.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, A. F; RIBEIRO, J. A. L. *Educação e formação do humano: Bildung e romance de formação*. In: I congresso internacional de filosofia da educação de países e comunidades de língua portuguesa, Anais, Porto/Portugal: Universidade Nove de Julho, 2009. Disponível em: <http://www.uninove.br/PDFs/Mestrados/Educa%C3%A7%C3%A3o/Eventos_parcerias/Alberto%20Filipe%20Ara%C3%BAjo.pdf>. Acesso em: 07/01/2011.

BASTOS, Raquel; Pereira, Pedro Paulo Gomes. *Mães Waldorf: gestação e parto na comunidade antroposófica*. Interface (Botucatu) [online]. 2018, vol.22, n.65, pp.505-516. Epub Dec 21, 2017. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832018000200505&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 21/12/2017.

BASTOS, Raquel. *Corpo e Saúde na Antroposofia: Bildung como cura*. São Paulo: LiberArs, 2018.

CARNEIRO, Rosamaria. *Cenas de parto e políticas do corpo: uma etnografia de práticas femininas de parto humanizado [tese]*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2011.

CSORDAS, Thomas. *Corpo, Significado, Cura*. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

DALBOSCO, Claudia Almir; EIDAM, Hoyer. *Moralidade e educação em Immanuel Kant*. Ijuí: Unijuí, 2009.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *Narrativa*

de vida: origens religiosas, históricas e antropológicas. Tradução Maria da Conceição Passeggi. Revista Educação em Questão, Natal, v. 40, n. 26, p. 31-47, jan/jun. 2011.

DUMONT, Louis. *Homo aequalis, II: L'idéologie allemande France-Allemagne et retour*. Paris: Gallimard, 1991.

ELIAS, Norbert. *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FIGUEIREDO. Vinicius. Kant e Goethe – *Uma Aproximação*. IN: WERLE, Marco Aurélio; GALÉ, Pedro Fernandes. *Arte e Filosofia no Idealismo Alemão*. São Paulo: Barcarolla, p. 25-52. 2009.

FLEISCHER, Soraya. *Descontrolada: Uma Etnografia dos Problemas de Pressão*. Brasília: EdUFSCar. 2018, 261 pp

FOUCAULT, Michel. *As técnicas de si (1994)*. In: COLETIVO SABOTAGEM (org.). *Por uma vida não-fascista*, 2004 p. 73-77. Disponível em: <<http://www.sabotagem.cjb.net>>.

FRANK, Arthur. “*The rhetoric of self-change: illness experience as narrative*”. *Sociological Quarterly* 34(1): 39 - 52 april, 2005.

GUR-ZE'EV, I. “*A Bildung e a teoria crítica na era da educação pós-moderna*”. *Linhas Críticas*, Brasília, v. 12, n. 22, p. 5-22, jan./jun, 2006.

HERMANN, Nadja. *Ética e estética: uma relação quase esquecida*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *La religion en mouvement: le pèlerin et le converti*, Paris, Flammarion, 1999.

KIRCHENER- BOCKHOLT, Margareth. *Elementos Fundamentais da Eiritmia Curativa*. Editora Antroposófica, São Paulo, 2009.

KIRCHENER- BOCKHOLT, Margareth.

- Elementos Fundamentais da Eúritmia Curativa*. Editora Antroposófica, São Paulo, 2009.
- MALUF, Sonia Weidner. *Mitos coletivos, narrativas pessoais cura ritual, trabalho terapêutico e emergência do sujeito nas culturas da “nova era”*. Mana 11(2):499-528, 2005.
- MALUF, Sonia Weidner. *Corporalidade e desejo: Tudo sobre minha mãe e o gênero na margem*. Estudos Feministas, 2001.
- MALUF, Sonia Weidner. *Da mente ao corpo? A centralidade do corpo nas culturas da Nova Era*. Revista de Antropologia – Ilha (2005).
- MOLLMANN, A.D. Stephan. *Bildung na contemporaneidade: qual o sentido?* V CINFE. Congresso Internacional de Filosofia da Educação, maio de 2012.
- SAFRANSKI, Rudiger. *Romantismo, uma questão alemã*. Trad. Rita Rios. São Paulo. Editora Estação Liberdade, 2010.
- SANTOS, Filipe Bordinhão dos; PENTEADO Anna Troib. *O consumo de yoga a partir de experiências etnográficas*, 2017. AÇÃO MIDIÁTICA, n.14. Jul./Dez. 2017. Curitiba
- SILVA, Alan Camargo; FERREIRA, Jaqueline. *Corpos no “limite” e risco à saúde na musculação: etnografia sobre dores agudas e crônicas*. Interface 21 (60) Jan-Mar 2017. Disponível em:< https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S1414-32832017000100141&script=sci_arttext&tlng=es>
- SUAREZ, Rosana. *Nota sobre o conceito de Bildung (formação cultural)*. Kriterion [online]. 2005, vol.46, n.112, pp. 191-198. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/kr/v46n112/v46n112a05.pdf>. Acesso: 26/11/2012
- TONIOL, Rodrigo. *Cortina de fumaça: terapias alternativas/complementares além da Nova Era*, 2015 Revista de Estudos da Religião (REVER) v. 16, n. 2 (2016). Disponível em:< <https://revistas.pucsp.br/rever/article/view/29281>>. Acesso em: 15/06/2019
- TONIOL, Rodrigo. *Do espírito na saúde: oferta e uso de terapias alternativas/complementares nos serviços de saúde pública no Brasil*. São Paulo: LiberArs, 2018.
- TONIOL, Rodrigo; MATSUE, Regina; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. *Religião, corpo e saúde: uma entrevista com Thomas Csordas* Interface Botucatu) vol.22 no.66 Botucatu July/Sept. 2018
- WINCKEMLAMNN, Johann Joachim. *Reflexões sobre a Arte Antiga*. 2. ed. Porto Alegre: Movimento, 1975.

i Agradeço as leituras atentas e as sugestões de Regina Yoshie Matsue e Pedro Paulo Gomes Pereira.